

COLUNA

Carnaval 2025

POROROCAS PARAWARAS: AS ÁGUAS DOS MEUS ENCANTOS NAS CONTAS DO CARIMBÓ

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

Comecemos do início! Pororocas parawaras é uma expressão que remete a fenômenos naturais e culturais da região amazônica. "Pororoca" vem do tupi e significa "grande estrondo", referindo-se ao encontro violento das águas dos rios com o oceano, formando grandes ondas. Já "parawara" está ligado aos povos indígenas da Amazônia, uma palavra de origem tupi-guarani que designa algo relacionado à natureza e às águas. Assim, "pororocas parawaras" evoca a força indomável dos rios amazônicos e a resistência dos povos que ali habitam. Uma história que ilustra essa força é a lenda do pescador Tupã-Mirim, que desafiou a pororoca para resgatar sua amada Iara, sequestrada pelas águas revoltas. Segundo os mais velhos, Tupã-Mirim navegou contra a corrente, desafiando os espíritos do rio, até ser engolido pela pororoca. Dizem que, na noite seguinte, os trovões ecoaram na floresta e, ao amanhecer, um casal de botos foi visto nadando juntos, dançando sobre as ondas. Alguns acreditam que eram Tupã-Mirim e Iara, transformados para sempre em guardiões do rio.

A Acadêmicos do Grande Rio segue firme na sua trajetória de enredos de afirmação e resistência, e para 2025 não será diferente. A escolha de falar sobre as *pororocas parawaras* e o carimbó demonstra o compromisso da escola com a

¹ Professor Assistente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

valorização das tradições da Amazônia, trazendo para a Sapucaí um tema de profundo significado cultural e espiritual. Se nos últimos anos a tricolor de Caxias exaltou Exu e abordou as encantarias maranhenses, agora volta seu olhar para a força das águas e das expressões populares do Norte do Brasil. O carimbó, ritmo que embala corpos e histórias na região amazônica, não é apenas música e dança – é identidade, é resistência. Sua origem remonta às culturas indígenas, enriquecidas pela presença africana e europeia, tornando-se um símbolo da mistura que caracteriza o Brasil profundo. Levar essa manifestação para o desfile é dar-lhe a visibilidade merecida, ampliando o reconhecimento de um patrimônio cultural imaterial que pulsa nas ruas de Belém e nas festas das comunidades ribeirinhas.

Além disso, ao falar das pororocas parawaras, a Grande Rio se aproxima dos saberes tradicionais e das crenças dos povos amazônicos, inserindo na Avenida a espiritualidade das águas e seus encantados. A relação entre a natureza e o sagrado, tão presente nas religiões afro-indígenas, ganha espaço e projeção num contexto em que a Amazônia segue ameaçada por interesses políticos e econômicos predatórios. O desfile pode se tornar um grito de alerta e um ato de celebração da força dos povos da floresta, que há séculos enfrentam desafios para manter suas tradições vivas. A expectativa é de um espetáculo vibrante, colorido e ritualístico, com a potência estética e narrativa que a Grande Rio tem apresentado nos últimos anos. Se bem conduzido, o enredo pode não apenas emocionar o público, mas também reafirmar a importância de reconhecer e respeitar as múltiplas formas de cultura e religiosidade que fazem do Brasil um país tão diverso.

A escolha de embalar o desfile com uma canção de fundo de Dona Onete é um acerto que reforça a identidade amazônica do enredo e traz ainda mais autenticidade à proposta da Grande Rio para 2025. Ícone da música paraense, Dona Onete – ou Ionete da Silveira Gama – é uma força da natureza em forma de artista. Com sua voz rouca e marcante, ela se tornou um dos principais nomes do carimbó chamegado, um estilo que mistura sensualidade e ancestralidade, bebendo da tradição dos ritmos amazônicos e dos batuques afro-indígenas. Nascida em Cachoeira do Arari, no arquipélago do Marajó, Dona Onete só lançou seu primeiro álbum aos 72 anos, após uma vida dedicada à educação e à cultura. Mas sua obra rapidamente

conquistou o Brasil e o mundo, levando a sonoridade do Norte a palcos internacionais e reafirmando a riqueza musical da região. Seu repertório, que exalta os encantos do rio, as lendas amazônicas e o poder feminino, dialoga perfeitamente com o enredo da Grande Rio, que pretende transformar a Sapucaí em um grande terreiro amazônico.

A junção do carimbó com o samba tem tudo para ser um espetáculo à parte. O batuque ancestral de ambos os ritmos se encontra na percussão forte e na cadência envolvente que convida ao transe e à celebração. Essa fusão promete uma bateria carregada de swing, onde os tambores da floresta encontram o surdo e a cuíca do samba carioca, criando uma sonoridade inédita e poderosa. Se bem explorada, essa mistura pode gerar um dos momentos mais marcantes do desfile, reafirmando que o Carnaval é também um espaço de diálogo entre as culturas populares. Com Dona Onete como trilha e inspiração, a Grande Rio tem tudo para fazer um desfile arrebatador, em que a Amazônia canta, dança e reivindica seu espaço na maior festa popular do mundo. O enredo da Grande Rio para 2025 promete um desfile visualmente exuberante, sonoramente envolvente e culturalmente potente. A fusão entre as pororocas parawaras e o carimbó aponta para um espetáculo que deve explorar as forças da natureza e a ancestralidade ribeirinha, trazendo para a Sapucaí um Brasil muitas vezes invisibilizado. O protagonismo amazônico no Carnaval carioca já é, por si só, uma escolha política, pois desafia o eixo sul-sudeste e amplia o debate sobre identidade nacional. A expectativa é que a escola consiga equilibrar a estética e a narrativa, evitando transformar a cultura amazônica apenas em um exotismo decorativo. O desafio está em construir um desfile que respeite a profundidade do tema e não caia na armadilha do estereótipo folclorizado. O carimbó e a religiosidade da floresta precisam ser tratados como expressões vivas e dinâmicas, e não apenas como elementos cenográficos para um espetáculo carnavalesco.

A trilha de Dona Onete pode ser um trunfo para dar autenticidade ao desfile, mas sua fusão com o samba precisa ser bem conduzida para evitar a descaracterização dos dois ritmos. A bateria da Grande Rio, conhecida por sua ousadia, tem nas mãos a chance de criar um dos momentos mais inovadores do

Carnaval, desde que mantenha a essência de cada tradição musical. Se bem executado, esse enredo pode consolidar a Grande Rio como uma escola que transforma a Avenida em um espaço de valorização cultural e resistência. Mas, para isso, será preciso mais do que luxo e impacto visual. Será necessário compromisso com a história que está sendo contada, respeito às raízes do tema e uma construção que vá além do espetáculo, fazendo do desfile um verdadeiro ato de reconhecimento da Amazônia como potência cultural e espiritual do Brasil. Dito isto, vamos à letra do samba?

*A Mina é Cocoriô
Feitiçaria Parawara
A mesma Lua da Turquia
Na travessia foi encantada
Maresia me guia sem medo
Pro banho de cheiro
Na encruzilhada, espuma do mar
Fez a flor do mururé desabrochar
Pororoca me leva
Pro fundo do igarapé
Se desvia da flecha, não se escanCHA em puraquê
Quem é de barro, no igapó, é Caruana
Boto assovia, ô, Mãe d'Água dança
Se a Boiúna se agita, é banzeiro, banzeiro
Quatro contas, um cocar
Salve, Arara Cantadeira
Borboleta à Espreita
E a Onça do Grão-Pará
Se a Boiúna se agita, é banzeiro, banzeiro
Quatro contas, um cocar
Salve, Arara Cantadeira
Borboleta à Espreita
E a Onça do Grão-Pará
Na curimba de babaçuê
Tem falange de ajuremados
A macaia codoense é macumba de outro lado
Venham ver as Três Princesas baiando no curimbó
É doutrina de santo rodando no meu carimbó*

E foi assim

Suas espadas têm as ervas da jurema

Novos destinos no mesmo poema

E nos terreiros, perfume de patchouli

Acende a brasa do defumador

Pro mestre batucar a sua fé

Noite de festa, curió marajoara

Protege Caxias nas águas de Nazaré

É força de caboclo, vodum e orixá

Meu povo faz a curva como faz na gira

Chama Jarina, Herondina e Mariana

Grande Rio firma o samba no Tambor de Mina

É força de caboclo, vodum e orixá

Meu povo faz a curva como faz na gira

Chama Jarina, Herondina e Mariana

Grande Rio firma o samba no Tambor de Mina

A Mina é Cocoriô

Feitiçaria Parawara

A mesma Lua da Turquia

Na travessia foi encantada

Maresia me guia sem medo

Pro banho de cheiro

Na encruzilhada, espuma do mar

Fez a flor do mururé desabrochar

Pororoca me leva

Pro fundo do igarapé

Se desvia da flecha, não se escanCHA em puraqué

Quem é de barro, no igapó, é caruana

Boto assovia, ô, Mãe d'Água dança

Se a Boiúna se agita, é banzeiro, banzeiro

Quatro contas, um cocar

Salve, Arara Cantadeira

Borboleta à Espreita

E a Onça do Grão-Pará

Se a Boiúna se agita, é banzeiro, banzeiro

Quatro contas, um cocar

Salve, Arara Cantadeira

Borboleta à Espreita

*E a Onça do Grão-Pará
Na curimba de babaçuê
Tem falange de ajuremados
A macaia codoense é macumba de outro lado
Venham ver as Três Princesas baiando no curimbó
É doutrina de santo rodando no meu carimbó
E foi assim
Suas espadas têm as ervas da jurema
Novos destinos no mesmo poema
E nos terreiros, perfume de patchouli
Acende a brasa do defumador
Pro mestre batucar a sua fé
Noite de festa, curió marajoara
Protege Caxias nas águas de Nazaré
É força de caboclo, vodum e orixá
Meu povo faz a curva como faz na gira
Chama Jarina, Herondina e Mariana
Grande Rio firma o samba no Tambor de Mina
É força de caboclo, vodum e orixá
Meu povo faz a curva como faz na gira
Chama Jarina, Herondina e Mariana
Grande Rio firma o samba no Tambor de Mina
É força de caboclo, vodum e orixá
Meu povo faz a curva como faz na gira
Chama Jarina, Herondina e Mariana
Grande Rio firma o samba no Tambor de Mina
A Mina é Cocoriô
A Mina é Cocoriô
A Mina é Cocoriô
A Mina é Cocoriô*